



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES

KELLY CRISTINA DE CARVALHO PINHO

**EDUCAÇÃO PARA QUÊ? REFLEXÕES SOBRE A
EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO**

Londrina

2009

KELLY CRISTINA DE CARVALHO PINHO

**EDUCAÇÃO PARA QUÊ? REFLEXÕES SOBRE A
EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao CECA - Departamento de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório para conclusão do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr. Anilde Tombolato Tavares da Silva.

Londrina

2009

KELLY CRISTINA DE CARVALHO PINHO

EDUCAÇÃO PARA QUÊ? REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao CECA - Departamento de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório para conclusão do curso de Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Anilde Tombolato Tavares da Silva

Prof. Dr. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Celso Luiz Junior

Prof. Ms. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Márcia Bastos de Almeida

Prof. Ms. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida, pela sabedoria e discernimento depositados em mim desde o início até o fim deste percurso. Por ter me abençoado com uma família linda que amo tanto, e por ter me concedido amigos tão maravilhosos, a quem carinhosamente chamo de anjos. Obrigada Senhor, pois reconheço que sem seu auxílio não seria possível a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Ter o que, e a quem agradecer, ao final de uma conquista, é um sinal de vitória, sentimento de trabalho realizado com louvor, momento maior onde a gratidão se faz presente.

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo que fez e tem feito e por ter me dado força para concluir essa jornada na minha vida profissional.

Em especial aos meus pais, José e Vilma, que não mediram esforços para me ajudarem em tudo que precisei; pelo carinho, força e por acreditarem junto comigo nesse sonho.

Aos demais familiares pela confiança e motivação.

A todos os meus amigos, pelo incentivo e compreensão, principalmente nas horas de tribulação.

Em especial à Leda de Fátima, companheira fiel que não se limitou a me ajudar apenas nesse trabalho, mas auxilia em tudo que preciso; a Ana Paula, amiga que está presente em todas as horas; a Juliane amiga/irmã que me apóia e dá força sempre; a Alessandra, Nayara e Vivian, que me ouviram todas as vezes que precisei, e ao meu amigo/primo Bruno Alex que em nenhum momento negou seu ombro para que pudesse me apoiar.

À professora orientadora Anilde Tombolato Tavares da Silva, que foi suporte e braço amigo em todas as etapas desse trabalho.

Ao professor Rafael Bianchi da Silva pela ajuda, compreensão e motivação dadas todas as vezes que recorri a ele.

Aos demais professores que contribuíram para minha formação.

Enfim, obrigado a todos que direta ou indiretamente me ajudaram, sem o auxílio de vocês não seria possível a concretização deste trabalho.

Obrigado!

“Os professores ideais são os que se fazem de pontes, que convidam os alunos a atravessarem, e depois, tendo facilitado a travessia, desmoram-nas com prazer, encorajando-os a criarem as suas próprias pontes”.

Nikos Kazantzakis

PINHO, Kelly Cristina de Carvalho. **Educação para quê? Reflexões sobre a educação para emancipação.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2009.

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre a possibilidade da educação ser usada como elemento essencial no processo de uma formação que vise a emancipação humana. Neste sentido, o objetivo deste estudo, perpassa esse caminho, pois cogitamos a idéia sobre a educação na perspectiva de sua função emancipatória. Buscamos assim, respostas às questões: Qual seria a real função da educação na contemporaneidade? Seria uma educação para a emancipação ou para a alienação? As respostas para estes questionamentos procuramos através da contribuição da Teoria Crítica, tomando como base a obra de Theodor Adorno “Educação e emancipação” (2006). Primeiramente tentaremos traçar em linhas gerais os objetivos da educação ao longo da história; num segundo momento discutir sobre a educação para semiformação; mais adiante aprofundar no conceito de emancipação, para finalmente, inferir se é possível transpor as barreiras existentes, e alcançar uma educação para emancipação humana. Adotamos a idéia que, além de visar emancipação, a educação deve reforçar-se com um caráter político, pois cabe a ela potencializar o espírito de mudança; mediar a saída da cristalização da ideologia; propiciar um questionamento de modo a revolucionar o pensamento e o modo de agir no mundo. O desafio de se pensar em uma educação que leve em consideração essa formação para emancipação é grande, entretanto, acreditamos que ela pode sediar conflitos e angústias, mas ao mesmo tempo ela é decisiva e favorece o acesso a transformações.

Palavras-Chaves: Consciência crítica; Educação; Emancipação.

PINHO, Kelly Cristina de Carvalho. **Education for what? Reflections on education for emancipation.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2009.

ABSTRACT

This paper reflects on the possibility of education being used as an essential element in the process of training aimed at human emancipation. In this sense, the objective of this study runs through this road, because the idea theorize about education for their role possible. We seek thus answers to the questions: What is the real function of education in contemporary society? It would be an education for liberation or alienation? The answers to these questions are sought through the contribution of critical theory, drawing on the work of Theodor Adorno "Education and Emancipation" (2006). First try to trace in outline the aims of education throughout history and in the second time to discuss education for erudition; further deepen the concept of emancipation, to finally conclude whether it is possible to cross the barriers and achieving education for human emancipation. We adopt the idea that, besides seeking emancipation, education must be strengthened with a political character, as she has enhance the spirit of change, mediate the exit from the crystallization of ideology, provide a challenge in order to revolutionize the thinking and mood to act in the world. The challenge to think of an education that takes into account the training for emancipation is great, however, believe that it could host conflicts and troubles, but at the same time it is decisive and facilitates access to processing.

Key words: Critical Awareness, Education, Empowerment

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO.....	12
2.1. A Emancipação e a Educação perpassando a História.....	12
2.1.1 Na educação Grega.....	12
2.1.2 No pensamento pedagógico Romano.....	14
2.1.3 Na educação medieval.....	16
2.1.4 Da Renascença Humanista ao Iluminismo: Era das Luzes.....	17
2.1.5 Na educação no século XX.....	19
3 EDUCAÇÃO PARA SEMIFORMAÇÃO.....	22
3.1. Sobre os conceitos <i>Bildung</i> (formação) e <i>Halbbildung</i> (semiformação).....	23
3.2. Contribuição da Indústria Cultural no processo de semiformação.....	25
4 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO.....	31
4.1. Considerações sobre a Teoria crítica da Educação.....	31
4.2. Educação para a emancipação.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A atual conjuntura da sociedade capitalista é fruto de um longo processo estrutural que impregna todo tecido social de forma profunda e intensa. Por mais que a sociedade tenha proclamado ao longo dos tempos seu empenho em favor da igualdade e da difusão universal de oportunidades para todos, a teia social na sua complexidade prende-se mais à retórica do que à realidade. A retórica coloca-se enquanto desejo, e a realidade, muitas vezes, transfigura-se em obstáculo a ser superado.

Contrapor-se a uma ideologia muito bem elaborada, difundida em diferentes facetas, é muito complexo, pois cada vez mais algumas idéias potencializam seu poder. Além disso, a atual conjuntura política, econômica e social, conta com o total apoio dos meios de comunicação de massa, e através deles consegue difundir facilmente suas idéias e naturalizá-las, constituindo este o principal papel da chamada Indústria Cultural. Desse modo, nossa liberdade de pensamento reflexivo e criativo encontra-se então limitada, sendo cada vez mais condicionada pelo espectro do capital.

Reprimindo a historicidade, distorcendo a cultura e obscurecendo a memória popular, a sociedade capitalista, dispendo dos mais diferentes meios, consegue injetar doses de um “remédio anestésico” que dificulta a atuação de qualquer forma de oposição, o discurso ideológico, muitas vezes, torna-se tão sedutor que nos impede de pensar/refletir/criticar, e assim o naturalizamos. Estas são relações de dominação, características da sociedade moderna que vão se constituindo e contaminando nosso cotidiano de tal forma que não conseguimos mais discernir entre aquilo que nos domina e o que dominamos; entre o que é verdadeiro ou falso; entre o suposto bem e o que se classifica como mal. Tudo fica travestido naturalmente como “sinais dos novos tempos”. Sinais estes que vemos ser mantidos e recriados no estabelecimento das relações dentro do cotidiano escolar.

Sendo a escola um espaço privilegiado para suscitar questionamentos, favorecendo possíveis transformações, cabe a ela contestar e debater esses aspectos que ficam imersos em verdades que são tidas como absolutas. No entanto, faz-se necessário salientar que contrapor-se não se limita ao

ato de discordar, mas cabe pensar sobre como a educação coloca-se historicamente como um processo de formação do cidadão; cidadão este que deve atender as necessidades sociais. Portanto, dentro desse contexto, discordar sobre o atual modelo educacional é de suma importância, mas é primordial também, nós educadores repensarmos qual é o real objetivo da educação desde os primórdios, até a contemporaneidade.

Neste trabalho buscamos refletir um pouco mais sobre qual princípio a educação deve ser dirigida para buscar a emancipação humana, visando a “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2006, p.141). Contudo, sem deixar de pensar que contrapor à falta de consciência não é tão simples assim, pois, cada vez mais a idéia de consciência crítica aparece distante; as pessoas possuem o que Adorno chama de *consciência coisificada*¹. As ideologias estão tão naturalizadas que às aderimos sem mesmo perceber, dificultando a possibilidade de vê-las tais como são com suas vantagens e desvantagens. Daí a defesa feita por Adorno a uma educação para a autonomia, que ajude o homem a se tornar humano.

Por mais estranho e contraditório que possa aparecer, a consciência crítica, toma forma de pressuposto que promete ajudar a transpor essa realidade, mas fica sob o comando de uma educação autoritária, rígida, que auxilia no processo de manipulação da consciência dos indivíduos favorecendo a sua alienação.

Neste sentido, o objetivo deste estudo, perpassa esse caminho, pois queremos refletir sobre a educação na perspectiva de sua função emancipatória. Buscamos assim, respostas às questões: Qual seria a real função da educação na contemporaneidade? Seria uma educação para a emancipação ou para a alienação? As respostas para estes questionamentos procuramos através da contribuição da Teoria Crítica, tomando como base a obra de Theodor Adorno “Educação e emancipação” (2006) e outros autores leitores de Adorno como: Bruno Pucci (1995), Newton Ramos-de-Oliveira (2003) e Wolfgang Leo Maar (1995).

Através deste trabalho acreditamos contribuir para a idéia de que além de visar emancipação, a educação deve reforçar-se com um caráter político,

¹ “Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador - o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão - eu o denominaria de o tipo da consciência coisificada. No começo as pessoas deste tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas” (Adorno, 2006, p. 130). Adorno pretendia chamar a atenção para a conversão de uma relação humana em “coisa”.

cabendo a ela potencializar o espírito de mudança; mediar a saída da cristalização da ideologia; propiciar um questionamento de modo a revolucionar o pensamento e o modo de agir no mundo, ou seja, é um processo de práxis dialética, onde o homem por ser um ser pensante sempre possuirá meios de agir no mundo e transformá-lo.

A pressão social causa tantas restrições, que resistir a ela deveria ser algo inevitável, mas isso não se realiza plenamente, o caráter biopsicosocial do homem acaba se dissolvendo ao longo da história. Mas então, como a educação pode vir a ajudar na prevenção da barbárie e conseqüentemente no favorecimento da emancipação? Adorno nos traz alguns elementos, mas a verdade é que se nós educadores temos a intenção de promovê-la, precisamos estar dispostos a avançar por “águas mais profundas”, e atingir todo o meio social; a emancipação não pode ser realizada isoladamente, a autonomia não deve ser restrita a um pequeno grupo.

Sabemos que a educação hoje se encontra no paradoxo, encontramos um terreno carregado de vícios que muitas vezes impossibilitam a execução de projetos; uma legislação que se espelha em interesses escusos de uma classe dominante; no entanto, atualmente não existe local mais estratégico e eficaz, no que tange o desejo de uma formação integral do ser humano, do que a educação. Ela pode sediar conflitos e angustias, mas ao mesmo tempo ela é decisiva e favorece o acesso a transformações.

O desafio de se pensar em uma educação que leve em consideração essa formação para emancipação é grande, por isso, primeiramente tentaremos traçar em linhas gerais os objetivos da educação ao longo da história; num segundo momento discutir sobre a educação para semiformação; mais adiante aprofundar o conceito de emancipação, para finalmente, inferir se é possível transpor as barreiras existentes e alcançar uma educação para emancipação humana.

2 OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

O mundo se dinamizou, novas ideologias emergiram no campo da economia, da política, da cultura, da religião e da educação, contudo o objetivo desta última continua sendo o mesmo: formar cidadãos.

A sociedade assiste a reconfiguração da sua organização, bem como das novas expectativas que são conferidas às mais diferentes instâncias sociais, implicando assim, na necessidade de reavaliação dos papéis sociais. Contudo, essas transformações acarretaram inúmeras crises estruturais nas instituições que compõe essa sociedade e acaba gerando como que um “mal-estar” social.

Hoje a educação passou a ser vista como ponto estratégico, pois pode tanto ser usada para difundir os ideais da sociedade atual, quanto como mecanismo de contestação da mesma. O desejo de formar um cidadão ideal percorre a história da educação desde seus primórdios e ainda hoje é alvo de intensas discussões.

Neste capítulo, vamos delinear o caminho histórico que percorreu o sentido da educação desde os gregos até a contemporaneidade. Não pretendemos nos aprofundar na História da Educação, pois não é este nosso principal objetivo; queremos através das principais idéias históricas e filosóficas da educação apontar o desejo existente desde a antiguidade da mesma se materializar em processo de emancipação.

2.1 A Emancipação e a Educação perpassando a História

2.1.1. Na educação Grega

Sabemos que nossa cultura ocidental herdou aspectos diretos da cultura grega. Foi uma sociedade muito bem organizada e pioneira em vários aspectos sociais, políticos e culturais, que até hoje são valorizados. Suas principais características foram: os ideais de democracia, em que o cidadão livre se engajava ativamente na vida política; o pensamento filosófico cultivava a autonomia do sujeito; a ciência buscava explicar o mundo pela razão; eram apaixonados pela perfeição,

tanto física, quanto intelectual. Por conseguinte, a educação perpassava todos esses aspectos, visto que, os gregos se empenharam para alcançar todos os ideais citados acima por meio da educação, que deveria ser integral: mente, corpo, ética e estética.

O progresso social, com efeito, floresceu em virtude da liberdade da organização da sociedade grega que estimulava o desenvolvimento de todos os aspectos da personalidade e tinha em sumo apreço todas as formas de expressão do valor individual. Como resultado dessas características, os gregos formularam, pela primeira vez, aquele conceito de educação que nós ainda denominamos *liberal*. É a educação digna do homem livre, que o habilita a tirar proveito da sua liberdade e dela fazer uso [...] Deles é a idéia de que a educação é a preparação para a cidadania (MONROE, 1968, p. 26/ 27).

O que a cultura grega entende no sentido pleno de educação – *paidéia* –, é uma formação harmônica do homem para a vida na polis, cabe salientar que somente os homens livres e das classes mais nobres é que tinham direito de usufruir dessa *Paidéia*. Percebe-se com isto, que na antiguidade grega a educação é de certa forma elitizada, e, portanto, não se estendia a todos, apenas para os que eram considerados cidadãos, e que deveriam ser preparados para as exigências e as necessidades da sociedade.

De acordo com Brandão (2005), a *Paidéia* contemplava elementos da cultura, tradição, literatura e civilização gregas, visando uma educação formativa integral. Fazendo um estudo sobre os objetivos da *Paidéia* ao longo da história na Grécia, percebemos que o ideal cultivado era o de pleno desenvolvimento do homem, sendo a educação

entendida como um longo processo pelo qual a cultura da cidade é incorporada à pessoa do cidadão. Uma trajetória de amadurecimento e formação [...], cujo produto final é o adulto educado, um sujeito perfeito segundo um modelo idealizado de homem livre e sábio, mas ainda sempre aperfeiçoável (BRANDÃO, 2005, p.46).

Se pensarmos em uma concepção de educação para a emancipação, teremos que levar em consideração que para os gregos nada havia de mais perfeito quanto o *homem educado*; eles entendiam que a educação existia em toda parte e que era resultado de todas as interações estabelecidas entre o homem e o meio sociocultural, cabendo a este ser, posteriormente, *um cidadão político a serviço da polis* (BRANDÃO, 2005, p.47).

Desde a Grécia antiga já havia essa preocupação com a formação integral para um cidadão político e livre. Essa forma de conceber a educação diz respeito a uma formação do próprio gênero humano, visando criar uma substância ética, vinculando o cidadão com a própria sociedade em que se está inserido.

Nesse ponto, inferimos que na Grécia a educação para a emancipação não visava somente à formação de um cidadão culto, mas também de um homem produtivo para serviço da polis, ou seja, uma formação que abrangesse o homem na sua totalidade, levando tanto o indivíduo, quanto a sociedade a uma realização completa.

Idéia similar norteou também o ideal romano de educação,

coube aos gregos definir aquilo que em todas as idades foi julgado como o supremo bem da vida terrena; o prazer estético, o poder intelectual, a personalidade moral, a liberdade política e este tesouro social que chamamos de cultura. Coube aos romanos uma missão mais prática: a de fornecer os meios, as instituições para a realização desses ideais (MONROE, 1968, p. 77).

Mesmo sendo uma sociedade com diferenças significativas com relação aos gregos, os romanos, através da conquista da Grécia, assimilaram vários elementos da cultura helênica que foram estendidos para a educação.

2.1.2 No pensamento pedagógico Romano

Grande herança também nos foi deixada pelo grande Império Romano. Com uma sociedade muito bem estruturada conquistaram inúmeros territórios e com suas grandes ambições conseguiram modelar a educação com traços que até hoje cultivamos. Suas realizações e contribuições residem mais no âmbito prático de aspectos que abrangem tanto a organização social, quanto a vida moral.

Para os romanos a educação começa em casa, ainda quando criança, e “essa educação doméstica busca a formação da consciência moral. O adulto educado que Roma quer criar é o homem capaz de renúncia de si próprio, de devotamento de sua pessoa à comunidade” (BRANDÃO, 2005, p.49).

Através de uma rígida disciplina os romanos cultivavam a valorização de deveres e de virtudes, entretanto, essas virtudes não residiam apenas no campo das idéias, mas eram de caráter extremamente prático; aprendia-se fazendo. Contudo, também em Roma essa educação se limita a uma parte da população; ela não é destinada a todos, mas a uma classe mais elevada.

Foi em Roma que apareceram as primeiras formas elementares de organização do ensino em graus diferentes, ou seja, o ensino era organizado em diferentes modalidades; havia o ensino das primeiras letras, um ensino secundário e um ensino superior (BRANDÃO, 2005, p.51). Foi através da educação que conseguiram propagar sua cultura e impor seus preceitos.

Na educação romana também se buscava a formação de um adulto ideal, fortemente ligado à comunidade, entretanto, com um diferencial, seu ensino é mais pragmático, além disso é uma educação utilitarista/militarista, alimentando sempre uma intensa disciplina.

No grande Império Romano, o que se percebe é que uma possível concepção de educação para a emancipação está voltada para o exercício prático dos deveres e das virtudes. A consciência moral deve ser exercida como devotamento à pátria, não se limitando ao desenvolvimento intelectual; além disso, “o jovem romano tinha de tornar-se piedoso, grave, respeitoso, corajoso, varonil, prudente, honesto” (MONROE, 1968, p. 81). Esse é o homem ideal que Roma quer formar, ao mesmo tempo em que possui virtudes de herói, abarca aspectos do homem real que serve de modelo às gerações futuras.

Percorrendo as concepções dessas duas sociedades clássicas analisadas percebemos que há uma preocupação com uma formação sólida e integral do homem; ambos os povos perseguiram, através da educação, um ideal de homem que fosse culto e devoto à pátria, sendo essa formação integral restrita a pequenos grupos.

Após inúmeras invasões o Império Romano foi entrando em declínio e as escolas de Roma foram sofrendo influência eclesiástica. A partir da Idade Média a configuração do cenário da educação se modifica, entrando em cena agora um novo protagonista: o Cristianismo.

2.1.3 Na educação medieval

Com o início de uma nova forma de organização social, o feudalismo, e com a propagação do Cristianismo pelos povos ocidentais, tendo início a partir do declínio do Império Romano, a configuração da educação tomou novo aspecto. O cristianismo apareceu como resposta aos problemas existentes, tentando harmonizar homem e sociedade, “sob o domínio do Cristianismo a educação recebeu um caráter totalmente novo. A instrução na doutrina da Igreja e as práticas do culto substituíram o elemento intelectual” (MONROE, 1968, p. 94). Os preceitos cristãos passaram a ser os pilares da educação.

Por intermédio de um treino rígido, tanto físico como intelectual e moral, o indivíduo devia preparar-se para um futuro desligado do presente pelo tempo e pelo caráter. Sob o domínio da Igreja e do monarquismo este estado futuro tornou-se a “outra vida”. Durante todo este período predominou assim uma nova concepção de educação em completo antagonismo com a liberal e a individualista dos gregos, e com a prática e social dos romanos (MONROE, 1968, p. 95).

A autonomia intelectual e a valorização da razão, cultivadas pelos gregos perdem lugar para a subordinação da vida terrena à fé; o homem deixa de ser visto como sujeito autônomo e passa a ser concebido como obra da divindade; a Igreja é o principal organizador da vida social e conseqüentemente orientadora da educação; a Bíblia passa a ser um elemento essencial para o ensino, sendo este realizado principalmente nas igrejas e nos mosteiros; os principais educadores são ligados à Igreja; matérias científicas e atividades que levavam a indagações foram desprezadas. Durante essa época a educação obteve sucesso dentre as classes mais pobres, precisamente pelo discurso da salvação/libertação.

Agora o ideal de educação que está em pauta é a fundamentada na religião, visando à formação da moral e não mais de um sujeito político.

Nesse período, houve uma espécie de pausa no processo educacional, pois tudo o que as sociedades clássicas haviam pensado e conseguido efetivar com relação à educação foi recusado, as idéias tão bem elaboradas dessas sociedades foram quase esquecidas, e assim permaneceram por séculos. Só a partir do século XV, com a retomada aos interesses individualistas pela Renascença e com o advento do movimento Iluminista do século XVIII, é que novamente o

discurso sobre uma educação para uma formação integral do homem tomou vigor novamente.

2.1.4 Da Renascença Humanista ao Iluminismo: Era das Luzes

Por mais que a Igreja tenha centralizado toda a organização da sociedade em preceitos do Cristianismo, aos poucos fora entrando em declínio. A partir do século XIV/XV aproximadamente, o ocidente começou a retomar os valores greco-romanos com o movimento da Renascença. Este movimento de cunho intelectual, estético e social, trouxe profundas modificações para a educação. Os moldes que a Igreja propagou aos poucos foram perdendo espaço para a valorização do intelecto humano.

Essas modificações aconteceram paulatinamente, e teve no movimento Iluminista seu apogeu. Os estudiosos desse movimento, por sua vez, traziam consigo a suprema valorização da razão, crença no Estado, liberdade política e intelectual. Essas características convertidas para o campo educacional revelavam agora uma nova perspectiva: a educação como processo e não somente um formalismo.

A Renascença se empenhou em estudar a literatura clássica e foi decisiva para reestruturar o conceito de educação liberal cultivado pelos gregos. Esse movimento acreditava que “a finalidade da educação era concebida como a de formar o homem perfeito, apto a participar das atividades das instituições sociais dominantes” (MONROE, 1968, p. 153). Os novos elementos que foram sendo incutidos na educação, além dos saberes clássicos gregos e romanos, foram a cultura e a literatura. Esses aspectos foram ganhando vigor e melhor sistematizados no movimento Iluminista.

Sabemos que o Iluminismo foi marcado por profundas modificações do pensamento intelectual de toda a Europa e por várias correntes filosóficas que procuravam explicar tais mudanças. Este buscava a superação dos antigos valores da Idade Média, que ainda exerciam influência no todo social.

Os iluministas perceberam que diante das intensas mudanças econômicas, políticas e sociais os antigos valores medievais já não davam conta de explicar a complexidade do pensamento ascendente. Diante disso, tomou como principal característica a supervalorização da ciência e da racionalidade humana. De modo que, acreditava-se que a razão era o caminho pelo qual se alcançaria a conquista da liberdade e da autonomia intelectual.

Nesse momento de profundas modificações na sociedade, aparece um novo conceito para identificar essa busca pela formação integral: o esclarecimento (*Aufklärung*). Ao buscarmos sobre o termo esclarecimento (*Aufklärung*) em diversos dicionários de filosofia, todos apontaram para uma estreita ligação com o Iluminismo. Usando as palavras do próprio dicionário de filosofia entende-se por Iluminismo “a linha filosófica caracterizada pelo empenho de estender a crítica e o guia da razão em todos os campos da experiência humana” (ABBAGNANO, 1982, p.509), mais adiante no mesmo dicionário,

o Iluminismo não é somente compromisso crítico da razão: é ainda o compromisso de servir-se da razão e dos resultados que ela pode conseguir nos vários campos de pesquisa para melhorar a vida particular e associativa de cada homem (ABBAGNANO, 1982, p.511).

Dentre os muitos pensadores que se dedicaram a estudar sobre o Iluminismo, temos Immanuel Kant (1724 – 1804), que foi um dos maiores expoentes desse pensamento. O autor dedicou um texto precisamente para pensar/responder a questão sobre o que é o esclarecimento (*Aufklärung*), nele defende a idéia de que o conceito para o esclarecimento está relacionado a um processo de extensão crítica do nosso próprio intelecto, resultante da superação do estado de minoridade, incapacidade de pensar por si mesmo. Dizia ele:

Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*] (KANT, 2005, p.63-64).

A maioria pode ser alcançada por todos os homens, desde que estes se disponham a pensar criticamente; usando uma expressão platônica,

podemos dizer que para o homem obter o estado de maioridade, ele deve “sair da caverna” como já mencionava o autor na “República” a.C..

Entretanto, essa maioridade é difícil de ser alcançada, visto que o estado de menoridade em que o homem se encontra muitas vezes já “se tornou quase uma natureza” (KANT, 2005, p.64). De acordo com Kant, a *preguiça* e a *covardia* do homem são as causas da permanência nesse estado de menoridade e que impedem o homem de se tornar *esclarecido*, e afirma ainda que “é tão cômodo ser menor” (KANT, 2005, p.64).

Porém, o filósofo é incisivo ao insistir que essa maioridade pode sim ser alcançada por todos, no entanto, não basta somente se munir de criticidade e fazer o que bem se entende, pois o norte para tal posicionamento teórico, também passa pela noção de “responsabilidade”, ou seja, a atitude crítica frente a determinado fato ou assunto, deve estar envolvida em valores ditos bons para todo um grupo, ou em um âmbito maior para toda a sociedade.

Percebe-se que há um salto qualitativo na educação com relação às contribuições trazidas durante o movimento da Renascença e do Iluminismo. Nesse momento ela já vem carregada de um objetivo mais amplo, abarcando a intenção de libertar o homem, para que este alcance sua autonomia intelectual. A partir do Iluminismo, o tema libertação do homem tornou-se alvo de inúmeras discussões no campo filosófico, sociológico, político e também educacional. Enfim, conforme a sociedade vai se dinamizando e complexificando, a educação precisa se adequar buscando formar um homem ideal que atenda às necessidades sociais.

2.1.5 A Educação no século XX

A dinamização na organização e na estrutura da sociedade traz consigo a necessidade de se “modelar” o homem para que este venha a se inserir no todo que esta sendo constituído.

No século XX, novas descobertas científicas, igualmente revolucionárias, provocaram transformações profundas em nossa maneira de conceber o homem e o conhecimento, com um grande impacto no pensamento filosófico. Duas merecem destaque. Em

primeiro lugar, a **revolução da informática** e a questão da **inteligência artificial** que seu desenvolvimento suscita [...]. Em segundo lugar, a **revolução biológica**, a engenharia genética, a possibilidade de criar novas espécies ou de manipular as características de uma espécie (MARCONDES, 2005, p. 255).

Como visto, esse novo século vem dotado de mudanças em toda a estrutura da sociedade, questões pertinentes às mais diferentes instâncias sociais, penetrando também no campo educacional. Na verdade, esse é o século das transformações, em que novos ideais, novas concepções e novos valores vão aparecendo e impregnando todo o tecido social.

A partir do século XX um novo termo começou a ser usado principalmente pelos teóricos da Escola de Frankfurt: emancipação. O emprego desse termo está relacionado com a “imagística da escravidão”, tendo seus laços com um ideal de liberdade de valores. Além disso, também é associado à idéia de revolução social, tendo por base “um interesse de emancipação orientado pelo conhecimento” (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO SOCIAL DO SÉCULO XX, 1996, p.237). Libertar o homem, dispondo-lhes meios através do conhecimento é o que entra em cena a partir de então.

Cabe ressaltar que os pensadores da Escola de Frankfurt se envolveram profundamente com as questões de sua época, visto que a Europa estava imersa na Segunda Guerra Mundial e naquele momento repensar toda a trajetória pela qual passara o homem enquanto sujeito histórico era de suma importância, pois não somente um país se via abalado com a guerra, mas todo o mundo sentiu a influência dos atos de barbárie cometidos.

Evidente que ambos os conceitos mencionados – Aufklärung e emancipação - têm suas aproximações, trazendo consigo a idéia de que o esclarecimento/emancipação pode ser alcançado através do pensamento reflexivo. Desse modo, pensaremos em uma educação para emancipação pautada nesses valores, inferindo que ela é um dos instrumentos capazes de dispor elementos para que todos alcancem a maioria, ou seja, se tornem esclarecidos/emancipados.

Atualmente essa questão acerca da valorização do pensamento crítico tem ganhado espaço privilegiado entre os estudiosos da educação. Chegamos a um ponto em que a busca por essa extensão intelectual aparece como uma das saídas das amarras ideológicas existentes na atual conjuntura social. Entretanto, não basta somente discutir superficialmente o assunto, antes de tudo, é

necessário ter clareza sobre alguns conceitos que norteiam as discussões que vem sendo feitas. Precisamos analisar o assunto de maneira mais abrangente, visto que, o atual modelo de educação que temos herda direta e/ou indiretamente resquícios da educação do passado.

A busca por educação que vise a uma formação plena do indivíduo está presente no ideário educacional desde as sociedades ocidentais clássicas até as sociedades modernas da contemporaneidade; ideal este, que hoje é augurado com nostalgia por muitos educadores que vêem a educação como arte e luta: revolução simbólica que pode potencializar a emancipação humana.

Entretanto, perseguir esse ideal é um trabalho árduo e constante, pois, como mencionado, ele é cultivado desde a antiguidade e até hoje não foi alcançado plenamente.

Para não cairmos no relativismo de realizar a crítica pela crítica, deve ficar explícito que nortearmos nossa pesquisa a partir das idéias do filósofo alemão Theodor Adorno (1903 – 1969) para análise do termo emancipação e da contribuição da Teoria Crítica, considerando a premissa de que estamos inseridos em uma sociedade administrada onde tudo se projeta através de imagens ilusórias do real. Além disso, esta sociedade sofre influência da Indústria Cultural que dita os padrões sociais; e mais ainda, presenciamos um processo de *semiformação*, através do qual tudo se mostra natural; e somente com uma postura crítica é que se pode as desmistificar. Dessa forma, fica delimitado nosso posicionamento frente à temática abordada.

3 EDUCAÇÃO PARA SEMIFORMAÇÃO

Desde que começaram as primeiras tentativas de uma educação sistematizada, em suas raízes estava presente o desejo de realizar uma formação integral do ser humano, para alcançar um modelo de homem ideal, ou seja, a educação perfeita sempre esteve presente nas discussões, modificações e implementações de propostas e programas educacionais. As sociedades foram se transformando, estabelecendo teias de relações cada vez mais complexas, e conseqüentemente, os processos formativos, desenvolvidos prioritariamente na instituição escola, tiveram que se adequar para atender às novas demandas.

Essa necessidade de readequação às novas normas e valores implica necessariamente em uma mudança nas formas de ensino/aprendizagem, pois, o mundo se dinamizou de tal forma que assistimos aos processos de globalização aproximando cada vez mais as fronteiras; temos a possibilidade de viajar pelo mundo em questão de segundos, pressupondo-se que todos têm acesso às informações que são difundidas mundialmente.

Todavia, boa parte do que recebemos através dos meios de comunicação, já vem “mastigado”, desse modo, não precisamos ter o “trabalho” de pensar/refletir sobre o que nos é dado. Além disso, a atual conjuntura política, econômica e social, conta com o total apoio desses meios de comunicação de massa, e através deles consegue difundir facilmente suas idéias e as naturalizamos sem mesmo perceber.

O progresso da ciência, as novas tecnologias que emergiram da Revolução Industrial, os meios de comunicação enquanto mediadores da realidade, a possibilidade de codificação de mensagens em veículos eletrônicos e sua transmissão a uma população dispersa (massa), a produção de bens simbólicos uniformizados, entre outros fenômenos da comunicação moderna, são objetos de investigação sociológica para explicar os efeitos dos *mass media* na percepção, concepção de mundo e no comportamento dos indivíduos (COSTA apud PUCCI, 1995, p.179).

Atualmente não se tem a noção real do poder que os meios de comunicação têm sobre a educação, nem a percepção crítica do que os mesmos geram no trabalho dos seus profissionais. O que se evidencia é que o trabalho do professor foi facilitado, no sentido que as informações estão mais fáceis de serem acessadas; basta fazer uma pesquisa pela internet e um download do arquivo desejado e a aula está feita. Entretanto, decorre desse fato, a perda da autonomia e

da consciência crítica, pois o educador não precisa se esforçar muito, visto que os instrumentos para seu trabalho já estão prontos.

Percebe-se, portanto, que as inovações tecnológicas que adentraram os muros da escola ao mesmo tempo em que auxiliam a educação, bem como os profissionais que atuam nela, também favorecem a acomodação dos mesmos. Na realidade todas essas mudanças não acontecem de forma harmônica, mas geram inúmeras contradições, pois são vários interesses que estão em jogo.

Diante do exposto levantamos a seguinte questão: a educação nesse novo mundo perdeu a sua dimensão crítica? Para respondermos a essa questão buscamos o conceito de *formação* para Adorno, bem como o desdobramento do mesmo no conceito de *semiformação*.

3.1 Sobre os conceitos *Bildung* (formação) e *Halbbildung* (semiformação).

Os termos *bildung* (formação) e *Halbbildung* (semiformação) merecem destaque nos escritos de Adorno, pois ambos possuem uma imensa riqueza conceitual, sem os quais não se poderia compreender a intenção abrangente do autor ao se remeter às questões educacionais.

A palavra *bildung* para Adorno está ligada ao significado de formação cultural. Utilizando-a para falar sobre o grau de "formação" de um indivíduo, um povo, uma nação, no entanto, é um conceito dinâmico e designa a formação ligada a um *processo*; "articula a formação do sujeito com a formação do mundo objetivo [...]. Pelo lado subjetivo desta concepção de *bildung*, a educação crítica do indivíduo constituiria a base da formação emancipativa e emancipadora" (MAAR apud PUCCI, 1995, p. 66). Dentro desta concepção, seria mais correto remeter à educação como educação política, visto que a reflexão crítica é a base da mesma.

Como se vê, a *Bildung* é uma conquista contínua, um trabalho constante. Não se realiza, portanto, no abstrato, num céu ideal, mas numa situação, no contexto de um certo e determinado tempo e lugar. [Todavia] em nossa situação específica, a *Bildung* tem que ser pensada dentro de determinadas coordenadas (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 298).

No entanto, precisamos situar a questão dentro do contexto de sociedade em que vivemos, ou seja, considerar que vivemos em uma sociedade administrada, em que os ideais liberais, o individualismo, a liberdade e a igualdade, são cultuados enfaticamente; em uma sociedade envolvida por uma Indústria Cultural que dita os padrões sociais; e mais ainda, perceber que ao invés dessa formação integral, estamos envolvidos em um processo de *semiformação*, através do qual tudo se mostra natural.

Na verdade, essa formação cultural, enquanto processo, aparentemente é um obstáculo complexo para ser transposto, pois vivemos à margem dos reais problemas concebidos no seio de tal organização social. Assim o movimento de pensar/repensar, bem como opor-se a qualquer forma de coerção parece-nos difícil. Segundo Oliveira; “esta é a sociedade das imagens, reflexos de determinadas relações sociais. E quanto mais imagens vemos, mais deixamos de enxergar a realidade [...] confundimos a imagem do real com o próprio real” (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 298). Tudo fica transvertido como natural.

Adorno, em meados do século XX, já denunciava que “as várias tecnologias, como o rádio, a televisão, o cinema e a música estavam ligados à dominação e poderiam facilmente ser utilizados como instrumentos de poder” (PUCCI, 1995, p.44/45). Estando certo ao dizer que os meios de comunicação poderiam ser usados como instrumentos de dominação, pois o que percebemos hoje é que vivemos em uma sociedade sedutora, e somos envolvidos por seus “encantos” e não percebemos o movimento contínuo que se dá a nossa volta. É o que o autor apontava como sendo, “essa perda da dimensão utópica e a essa antiarte trazidas pela indústria cultural corresponde um **processo de semiformação**”. (ADORNO, apud, BARBOSA, 2003, p. 305, grifo meu).

Na introdução da “Teoria da semicultura”, Adorno (1996, p. 389) delimita o seu entendimento sobre o que seria o resultado de um processo de *semiformação*, definindo-o como “uma espécie de espírito objetivo negativo” que se caracterizaria na “onipresença do espírito alienado” e numa “consciência que renunciou à autodeterminação e que, portanto, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados”, que está muito mais orientado para a continuidade da barbárie que o seu contrário. A *semiformação* caracteriza-se como “um ponto cego ao qual deveria se aplicar o trabalho do conhecimento”.

Seria ingênuo pensar que esse processo se dá paralelamente ao âmbito escolar, muito pelo contrário, o terreno educacional não só está envolvido, como participa ativamente, ora favorecendo, ora resistindo, a esse movimento. Na verdade, a educação acaba sendo a baliza entre a emancipação e a *semiformação*; sendo esta última completamente oposta à primeira. De acordo com Adorno a *semiformação* possui um caráter falso, já que:

a semicultura é o espírito dominado pelo caráter de fetiche da mercadoria. A classe dominante negou historicamente aos trabalhadores todos os pressupostos para sua formação cultural e lhe propiciou a semiformação. O resultado disso não foi a *não-cultura*, mas a semiformação cultural, a atrofia da consciência e da liberdade (PUCCI, 1995, p.41/42).

Fica difícil perceber as ilusões que são geradas no seio da sociedade, bem como resistir as mesmas, quando a nossa liberdade está limitada, ou seja, quando estamos, de certa forma, impedidos de nos expressar; expressar “criticamente”. A liberdade tão discursada, na verdade não existe no seu sentido pleno, ela como tantos outros conceitos, está mascarada.

Acreditamos em meias verdades que se configuram como verdades absolutas, “tudo nessa sociedade administrada conspira contra o pensamento crítico, contra o exercício da reflexão” (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 299). A *bildung* se depara com obstáculos que retira sua força, e sua dimensão vai se esvaecendo, principalmente pela atuação da chamada *indústria cultural*, esta que é uma aliada fiel no processo de semiformação.

3.2 Contribuição da Indústria Cultural no processo de semiformação

Adorno e Horkheimer se propuseram a refletir questões referentes às mudanças que vinham ocorrendo na época, dentre elas discutir sobre os impactos do capitalismo cultural, que através da mídia confere a todas as manifestações culturais um ar de semelhança.

De acordo com algumas leituras realizadas, o termo Indústria Cultural foi usado pela primeira vez em 1947 no livro *Dialética do Esclarecimento*, em que Adorno, juntamente com Horkheimer, substituíram “o termo ‘cultura de

massa' por 'Indústria Cultural' com o intuito de descaracterizar o aspecto de uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, como se fosse uma forma contemporânea de arte popular” (ZUIN apud PUCCI, 1995, p. 154).

Na verdade, a Indústria Cultural,

não é apenas indústria pois se, por um lado, se assemelha a uma indústria em função de seguir os ditames da lógica da padronização e da racionalidade técnica, por outro lado, também conserva, sob o véu ideológico, formas individuais de produção. E também não é apenas cultura, pois não conforma os produtos simbólicos de acordo com suas leis, mas em consonância com as leis do mercado (Id, ibid, p. 155).

Inserido nesse processo de massificação de produtos veiculados através da Indústria Cultural, encontramos um modelo de cultura que tenta abafar as origens da memória cultural da civilização humana, em favor de,

brilhos intensos [que] emanam de mercadorias que são consumidas vorazmente. Informações e palavras de ordem referentes ao consumo imediato são absorvidas em um ritmo alucinante. Produtos são substituídos quase que instantaneamente por outros que prometem vantagens que nunca se poderia imaginar [...] é praticamente impossível ficar insensível aos apelos sedutores feitos pela indústria cultural (ZUIN apud PUCCI, 1995, p. 153).

A sociedade de hoje é marcada pelas luzes das propagandas, pelo glamour dos produtos, pelos sons fascinantes e, sobretudo pela compulsão do consumo. Somos envolvidos por “vozes sedutoras” que impingem em nós a falsa necessidade de consumir, “os produtos culturais deixam de ser valores de uso para tornarem-se mercadorias, integrados à lógica do mercado e com preços estabelecidos por índices de aferição da aceitação pelas camadas da população” (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 303). Assim, vai se constituindo a Indústria Cultural; ela “torce a realidade para que o mundo injusto e desigual apareça com as cores da felicidade” (Id, ibid, p. 303), influencia tanto na formação de conceitos individuais, como em concepções mais coletivas, utilizando os meios de comunicação de massa, a mídia em geral, como principais aliados, transmitindo facilmente as ideologias que substanciam a atual conjuntura social. Por isso, a mídia parece mostrar uma saída para o “caos”, mas na verdade, é ela que muitas vezes ajuda a promover, gerar, esconder e desconstruir a nossa realidade.

Em seu livro, *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno juntamente com Max Horkheimer definem claramente alguns aspectos da Indústria Cultural:

o fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais [...]. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência [...]. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade (p. 100).

O fato é que a tendência da Indústria Cultural é produzir visando a homogeneizar/padronizar, não só o modo de se vestir, se comportar, mas, sobretudo o modo de pensar, de modo que, “o espectador não deve ter a necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda sua reação [...]. Toda ligação lógica que pressupunha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). Ou seja, além desses padrões serem determinados por um grupo minoritário, acabam sendo aceitos por todos, sem questionamentos.

A luta é para “ter” isto, ou aquilo; sentir-se parte de determinado grupo; comportar-se adequadamente como manda a “onda do momento”, a busca pelo lucro pessoal acaba sendo a meta de todos, de modo que há uma intensa corrida para se encaixar no novo ambiente e se atualizar por conta própria. Partindo desses aspectos, Adorno relata os malefícios que a Indústria Cultural poderia trazer,

a indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.120).

O perverso desse processo de *semiformação* que a Indústria Cultural auxilia a tecer é que nos tornamos debilitados, pois não sabemos ao certo contra o que resistir; melancólicos, pois renunciamos a nossa individualidade, em favor de um padrão coletivo e sozinhos, mesmo estando em meio a multidões. Perdem-se noções de categoria; sentimento de pertencer à determinada nação; obscurece-se a memória cultural popular, enfim, vive-se a margem, em um mundo ilusório, onde todos, aparentemente são iguais.

Cabe ressaltar, que nesse processo um indivíduo se diferencia do outro somente no que tange a coisas materiais, como se o homem só se tornasse homem a partir do que consome. Esses,

os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.105).

A essência do ser humano, o processo de formação integral discutido desde os gregos fica imerso em penumbras. Interessante perceber que o modelo de educação augurado desde os primórdios, visando a realização plena do homem e sua emancipação, fica somente no campo das idéias dentro deste processo de *semiformação*. As forças para encobri-lo aparecem constantemente, mas as ações concretas para “fazer acontecer” ficam, muitas vezes, no âmbito das intenções; porém as contradições e as lacunas ainda persistem, e são através delas que devemos trabalhar para possibilitar mudanças.

Wolfgang Leo Maar, no prefácio do livro Educação e emancipação, de Theodor Adorno, inicia com a frase “a educação não é necessariamente um fator de emancipação” (2006, p. 11). Isso não significa que a educação nunca foi nem será um fator emancipatório, mas fica evidente que, se não questionarmos/problematizarmos e desenvolvermos ações concretas, ela sozinha não fará nada. Arriscamos a dizer que ao educarmos nessa lógica da semiformação, estamos formando “meio cidadão” e sendo “meio professor”. O próprio Adorno vem nos apontar isso quando menciona que

o entendido e o experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim, seu inimigo mortal. Elementos que penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade transformam-se em substâncias tóxicas e, tendencialmente, em superstições [...]. Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação (ADORNO, 1996, p. 402-403).

Atualmente colocam-se muitos créditos nos aparelhos tecnológicos, em aulas dinâmicas, semelhantes a shows pirotécnicos. Contudo, se considerarmos que a educação não vai bem porque não temos escolas aparelhadas com a mais alta tecnologia, não temos os materiais necessários para alfabetizar nossos alunos, não temos isso ou aquilo, estamos sendo educadores conformistas, que favorecem essa *semiformação*, e que usam a falta de recursos como desculpa para não fazer nada. Por outro lado, sabe-se que muitos professores no processo diário da sala de

aula, acabam transmitindo conceitos estereotipados inconscientemente. Porém, a falta de clareza sobre a dinamicidade do mundo também não é justificativa, pois o que se espera de qualquer profissional é que o mesmo pesquise e repense sua prática constantemente, por que ter uma visão determinista e simplificada sobre a educação é retirar dela parte de sua importância. Na verdade

quando [a formação] se denigre na prática dos fins particulares e se rebaixa diante dos que se honram com um trabalho socialmente útil, trai-se a si mesma. Não inocenta por sua ingenuidade, e se faz ideologia. Se na idéia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se firmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre (ADORNO, 1996, p. 392).

Ao repassar verdades prontas, conceitos acabados e estereotipados por ideologias, estamos retirando dos alunos o direito de pensar. Se a sistematização escolar é um processo de construção - fazendo uma analogia a uma construção de um edifício, por exemplo - então nós educadores somos os “engenheiros” das mentes que irão ser formadas. Desse modo, nossa prática deve estar norteada por uma postura que valorize a plena formação humana, concebendo a sociedade dentro de sua complexa teia de conexões e seu emaranhado de fios que levam aos mais diferentes núcleos de conflitos.

Na situação mundial vigente, em que ao menos por hora não se vislumbram outras possibilidades mais abrangentes, é preciso contrapor-se à barbárie principalmente na escola. Por isto, apesar de todos os argumentos em contrário no plano das teorias sociais, é tão importante do ponto de vista da sociedade que a escola cumpra sua função, ajudando que se conscientize do pesado legado de representações que carrega consigo. (ADORNO, 2006, p. 117).

Precisamos perceber que “a semicultura (produto) e a semiformação (processo) indica *uma cultura* interrompida, cortada, seccionada, travada” (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 305), de modo que a mesma se encontra “a serviço unilateral da dominação. Nela se perdeu o momento emancipatório, esgotou-se o momento de liberdade. É, portanto, óbice e não desvio para a verdadeira formação” (Id, ibid, p. 306). E justamente nesse ponto que devemos tocar, ou seja, nos propor a enfrentar os obstáculos que a *semiformação* impõe, pois como visto, a emancipação desejada há séculos acaba se esvaindo.

Neste sentido, retornamos à questão inicial: Qual seria a real função da educação na contemporaneidade? Seria uma educação para a emancipação ou para a alienação?

4 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Atualmente, nos deparamos com uma sociedade complexa, confusa e conflitante, que se perde em meio às suas facetas, mas que ao mesmo tempo precisa delas para sua sustentação. As transformações sofridas acarretaram inúmeras crises estruturais nas instituições que compõe essa sociedade e o sentimento de não saber “quem sou” paira nas instituições clássicas, de modo que, a busca, para dar ressignificado aos papéis sociais, foi tomada por diversos atores. Sendo a educação um espaço propício para realizar esses questionamentos, ela se encontra no centro de discussões entre público e privado; coletivo e individual. Tadeu Tomaz da Silva, na apresentação do livro Teoria Crítica e Educação, afirma:

esse é um tempo extremamente difícil, no qual as contradições e problemas sociais colocam conseqüentemente em teste nossas melhores compreensões teóricas. Um tempo que nos torna dolorosamente sensíveis aos limites de nossas melhores explorações cognitivas (SILVA apud PUCCL, 1995, p.8).

Diante do exposto, inferimos que urge a necessidade de nós educadores nos vincularmos a bases de teorias sólidas e consistentes para que consigamos defender com firmeza pontos de vista que favoreçam responder e solucionar tantos questionamentos. Para tanto, acreditamos ser a Teoria Crítica da Educação, desenvolvida no seio da escola de Frankfurt, uma das possíveis alternativas teóricas que podem ser usadas para se pensar tantas indagações.

4.1 Considerações sobre a Teoria crítica da Educação

A Teoria Crítica foi tecida no seio da “Escola de Frankfurt”, termo este que é comumente usado para se referir ao grupo de intelectuais, sociólogos, filósofos e cientistas políticos filiados ao Instituto de Investigação Social fundado em Frankfurt em 1924. As idéias desses pensadores não se transformaram em um conjunto doutrinário, mas são riquíssimas investigações sobre questões referentes à emancipação humana.

Os pensadores da Escola de Frankfurt procuraram desenvolver uma teoria crítica do conhecimento e da sociedade inspirados na obra de Marx e em suas raízes hegelianas, relacionando o marxismo com a tradição crítica moderna (MARCONDES, 2005, p. 233).

O diferencial desse grupo de pensadores é que eles estavam ativamente envolvidos com as questões da época, além de vivenciarem, buscaram saídas para os problemas que vinham enfrentando.

A Teoria Crítica da Sociedade, tal como desenvolvida pela Escola de Frankfurt, está certamente numa posição privilegiada para fornecer alguns dos instrumentais que podem permitir uma revitalização da teoria educacional. [...] Ao nos chamar a atenção para o papel constituidor da cultura, a Escola de Frankfurt – numa de suas fases e através de alguns de seus pensadores – nos permitiu pensar nas muitas formas (culturais e simbólicas) pelas quais uma sociedade altamente administrada vem a controlar seus membros para propósitos de dominação. É exatamente essa preocupação com as formas culturais que está hoje no centro da análise educacional. (SILVA apud PUCCI, 1995, p 09).

Um aspecto primordial desenvolvido nessa teoria é a refutação das tendências racionalistas técnicas e instrumentais voltadas exclusivamente para responder aos anseios práticos. Os pensadores frankfurtianos viam a necessidade de “desenvolver a razão emancipatória, com base na crítica da dominação e em nome da comunicação e do consenso entre indivíduos racionais e livres” (MARCONDES, 2005, p. 234).

Dentre todos os vários pensadores da Escola de Frankfurt, optamos pelos estudos de Theodor W. Adorno (1903 – 1969), visto que esse grande teórico, músico, filósofo, sociólogo e crítico literário, se preocupou com as mais variadas questões, dentre elas a educação. Buscou pensar criticamente a sociedade, estando esta sendo palco de grandes mudanças nas suas relações. Seu interesse pela análise social se justifica por sua vivência das circunstâncias históricas do início do século XX. Adorno viveu em uma época de grandes pressões políticas e inúmeras inovações tecnológicas; em seus escritos ressaltava a força do pensamento crítico e da resistência.

Para Adorno, como para os demais frankfurtianos, a Teoria Crítica era um sinal de resistência. Resistência aos irracionalismos da barbárie fascista, do autoritarismo estalinista, da semicultura capitalista. Resistência individual e coletiva, resistência através da Razão, da cultura, da **educação/formação**, da arte. (PUCCI, 1995, p.33/34, grifo meu).

Educação/formação, assim como o autor, entendemos que a educação é um processo de formação, “pela auto-reflexão crítica [...] a busca da autonomia, da autodeterminação kantiana, do homem enquanto sábio fazendo uso

público de sua razão, superando os limites da liberdade trazidos pela barbárie, pela semicultura” (PUCCI, 1995, p.47).

Dentro desta perspectiva, é inegável a contribuição da Teoria Crítica. Essa possibilidade, apontada como necessidade, de pensar dialeticamente não só a educação, mas o todo social, é uma das grandes armas para tentar combater um ensino pautado em métodos rígidos e autoritários, pois estes, além de não atenderem mais as necessidades que são postas pela sociedade, ajudam a manter o conformismo e a alienação tanto dos alunos, como dos professores. As contradições são evidentes e desmistificá-las é de extrema importância, contudo precisamos saber onde estamos pisando; o terreno é movediço, e correremos o risco de sermos meros reprodutores.

4.2 Educação para a emancipação

O mundo não é estático, nada permanece imóvel sem sofrer nenhuma mudança, mas, é marcado pelo movimento. Da mesma forma a ação humana também se circunscreve nesse processo de práxis, ou seja, supõe a relação dialética entre teoria e prática. A convivência humana acontece de maneira dinâmica, de modo que, essa dinamicidade das relações se reflete em outras instâncias sociais. Para acompanhar esse processo a educação precisa ir se adequando de acordo com as novas necessidades que vão sendo postas em jogo.

Diante disso, acreditamos que se pretendemos realizar um trabalho diferenciado precisamos antes de tudo resgatar os reais valores que a educação carrega consigo. Então, iniciemos o caminho.

Educação. Do latim ‘educere’, que significa extrair, tirar, desenvolver. **Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter.** A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. **É atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais.** Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais

da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte (ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DE MORAL E CIVISMO apud BRANDÃO, 2005, p. 63-64, grifo meu).

Como explícito na Enciclopédia, a educação não se limita ao ato de transmitir conhecimento, mas se estende a uma idéia de formação integral do ser humano, sendo este um processo contínuo. Pressupõe o trabalho com uma formação integral ideal que não se limita à preparação para o mercado de trabalho, nem só para o processo de constituição da personalidade, mas perpassam ambos os pólos.

Relegar à educação o campo da transmissão dos conteúdos é retirar dela toda sua amplitude, usando as palavras de Saviani “trata-se aqui da produção de idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber” (2005, p. 12). Assim sendo, educação é uma prática cotidiana de um processo contínuo, ou seja, a educação é um fenômeno social, que não se limita ao âmbito escolar, mas que ocorre em locais diversos; essa produção do saber não diz respeito somente ao saber científico, mas engloba toda a produção humana.

Analisando, entretanto, a educação no seu âmbito formal, ou seja, circunscrita no ambiente escolar, segundo Newton Ramos-de-Oliveira (apud BARBOSA, 2003) os sistemas educativos têm colocado dois tipos de finalidades: os fins imediatos e os fins ideais. Os fins imediatos fazem parte do cotidiano escolar e se firmam no dia-a-dia das salas de aulas; seus agentes principais, os professores, atuam com determinados fins específicos, mas sob bases norteadoras, as quais podem chamar de fins ideais. Esses fins ideais sempre estiveram presentes na história da educação e são eles que orientam os objetivos da educação em determinado espaço e tempo. Nos tempos modernos, por exemplo, o fim ideal da educação está pautado no *Bildung*, caracterizado pela intenção de promover uma formação plena do indivíduo. Usando as palavras do próprio autor, *Bildung* seria “um ‘formar-se’; não se interrompe; é exercício contínuo de reflexão e de auto-reflexão” (p. 297).

Ou seja, a educação, exercida dentro da instituição escolar, tem alguns conteúdos que devem ser trabalhados, tendo em vista objetivos específicos a

serem alcançados no dia-a-dia da sala de aula; esses objetivos por sua vez, têm suas bases em um objetivo ou fim ideal.

O que se espera em qualquer instituição, seja ela pública ou particular, é que o profissional da educação possa pensar suas práticas diariamente, confrontando-a com a teoria (o que materializa a idéia de práxis), possibilitando aos alunos visões diferenciadas sobre a sociedade, e não somente reproduzir conteúdos sem propiciar questionamentos. Dentro desta perspectiva encontramos a idéia inicial que estamos discutindo, que é uma educação emancipadora e não alienante, de modo que o real significado de ensinar e aprender tenha sentido, tanto para o educador como para o educando.

Eis aqui o espaço para uma *dialética da emancipação*: a relação com a realidade – como o externo em relação ao sujeito – apreendida como contraditória, em sua relação com o sujeito; pela necessidade de se adaptar, e pela **necessidade de não se limitar à adaptação, mas recorrer à resistência contra o que a adaptação significa em termos de imposição da realidade** com algo meramente ‘exterior’, não apreendida numa relação de ‘experiência’ para o sujeito como ‘realidade não verdadeiramente racional’. Isto é, nos termos de um sujeito formado por esta experiência que ‘interioriza’, elabora esta relação com a realidade como sendo verdade [...] (MAAR, apud PUCCI, 1995, p.63, grifo meu).

Percebemos a gritante a necessidade de formarmos alunos críticos, preocupados com o próximo, com as mudanças da sociedade e com os saberes historicamente construídos. As relações estabelecidas para garantir a convivência humana em qualquer sociedade ocorrem de maneira dinâmica, adequando-se as novas necessidades, buscando modificações. Esse fato por si só já denota a necessidade de dentro da práxis educativa o educador repensar cotidianamente seu trabalho, de modo a perceber se sua postura e sua prática estão dentro do viés ideal no qual se baseia a instituição em que está inserido.

Atualmente, na sociedade em que vivemos, essa necessidade de reflexão contínua é de suma importância, pois, como visto, vários são os espectros que pairam sobre a realidade, nos impedindo de perceber quem nos domina e a que dominamos. E para entendermos a dinamicidade desde processo é preciso analisá-lo de maneira dialética, fazendo o exercício de ir e vir, tentando atingir a raiz do objeto, se cercando pelo contexto histórico em que o mesmo está inserido e em última instância visar realizar a revolução/transformação.

Recorrendo aos estudos de Theodor Adorno podemos inferir que a educação deve ser dirigida para buscar a emancipação humana, visando a “produção de uma consciência verdadeira” (2006, p. 141). Contudo, pode se evidenciar que contrapor-se à falta de consciência não é simples. Cada vez mais a idéia de consciência crítica aparece distante e as pessoas possuem o que Adorno chama de *consciência coisificada*².

As ideologias se tornam tão naturalizantes que às aderimos sem mesmo perceber, dificultando a possibilidade de vê-las tais como são com suas vantagens e desvantagens. O discurso aparece como sedutor demais para que consigamos resistir a ele. Daí a necessidade de uma educação reflexiva, crítica, para a autonomia, que ajude o homem a se tornar humano.

O filósofo frankfurtiano em seu livro “Educação e emancipação” apontou de forma primorosa alguns pressupostos que favorecem a conquista dessa *consciência verdadeira*. Nos últimos textos do referido livro – Educação após Auschwitz; Educação para quê?; A educação contra a barbárie; Educação e emancipação – o autor revela de modo arrebatador, verdadeiras aulas sobre a construção de uma formação cultural emancipatória. A partir desses textos, buscamos delinear como alcançar essa emancipação na contemporaneidade.

No início do texto “Educação após Auschwitz” Adorno já coloca sua posição frente à educação, “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (2006, p. 119). Não nos encontramos na Segunda Guerra Mundial, entretanto, barbáries ainda acontecem diariamente. O fato é que a educação precisa se policiar e não permitir que elas contaminem seus objetivos. Na verdade, nós mesmos criamos meios anticivilizatórios nas escolas ao instituímos normas e regras de conduta autoritárias. Hoje a barbárie continua existindo e conforme a história se modifica, ela adquire uma nova roupagem, mas está presente nos nossos dias.

Atingir a barbárie presente, mas muitas vezes reprimida, é complexo, pois paira sobre toda a estrutura social, e muitas vezes, se encontra mascarada. Portanto, para combatê-la a educação deve visar a atingir o todo, se estender não só à classe dos atingidos, mas, principalmente, aos “produtores” das

² “No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas” (ADORNO, 2006, p. 130). Adorno buscava atentar para a conversão das relações humanas em coisas.

barbáries/ideologias; e não deve limitar-se a pensar criticamente só no meio acadêmico, mas abordar o assunto desde a primeira infância.

É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. [...] É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca destes mecanismos. [...] **A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.** Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância (ADORNO, 2006, p. 121-122, grifo meu).

Para Adorno a educação só é educação se propiciar a auto-reflexão crítica. Esse é o ponto que precisa ser cultivado enfaticamente nas escolas hoje se realmente quisermos propiciar a emancipação dos alunos, pois os processos decorrentes da *semiformação* impedem que se consiga ter essa extensão intelectual crítica. Além disso, ele comenta a sociedade administrada possui uma capacidade de nos envolver muito maior do que se imagina.

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta torna-se alvo de uma rebelião violenta e irracional (Id, ibid, p. 122).

Mais adiante, o filósofo continua a discutir esse aspecto e afirma que, “a pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destroçar o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência” (Id, ibid, p. 122). Decorre disso a necessidade da educação reforçar-se com um caráter político, pois sem essa dimensão mais abrangente não se pode lutar para que o que aconteceu em Auschwitz não se repita, pois somente através da valorização do princípio da autonomia (Aufklärung), preconizado por Kant, da reflexão e da autodeterminação é que podemos lutar para que Auschwitz não aconteça.

Essa educação política ainda implica em um íntimo reconhecimento de que sempre existe o outro. Incrível, mas mesmo nós necessitados desse

reconhecimento não conseguimos executá-lo. Adorno define de maneira excepcional essa incapacidade que atualmente temos de amar, a insensibilidade a que chegou o ser humano. Afirma ele, “trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas” (Id, ibid, p. 133). Mais adiante, Adorno menciona que hoje as pessoas são frias, indiferentes, e combater essa falta de “amor” entre as pessoas, de reconhecimento das peculiaridades do outro, também é um fator importante na luta contra a reprodução de Auschwitz.

Aliás, Adorno em seus escritos não se preocupou somente em defender a idéia que a barbárie cometida em Auschwitz não repita, mas, durante um debate na Rádio Hessen, na Alemanha, em 26 de setembro de 1966 – debate este que deu origem ao texto Educação para quê? –, Adorno, juntamente, com Hellmut Becker, se propôs a debater sobre os fins da educação, e os dois concordam que os mesmos já não são mais evidentes; e tomando a palavra Adorno pronunciou o seguinte:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas **a cultivo de uma consciência verdadeira**. [...] uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (Id, ibid, p. 141-142, grifo meu).

Para o autor, a educação só é educação se tiver como produto uma *consciência verdadeira*, não somente visar à adaptação e transmitir conteúdos, mas ir além, levando os alunos a atingirem a autonomia intelectual.

Por mais estranho e contraditório que possa parecer, a consciência crítica toma forma de pressuposto, que promete ajudar a transpor essa realidade, mas fica sob o comando de uma educação autoritária, rígida, que auxilia no processo de manipulação da consciência dos indivíduos favorecendo a sua alienação. Ela aparece como algo inevitável, mas que não se concretiza facilmente.

A idéia da emancipação, como parece inevitável com conceitos desse tipo, é ela própria ainda demasiado abstrata, além de encontra-se relacionada a uma dialética. **Esta precisa ser inserida**

no pensamento e também na prática educacional [...]. A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto [...]. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (Id, ibid, p. 143 – 144, grifo meu).

Persistir esse ideal não é algo fácil, e necessita, além de estar em nosso pensamento, ser realmente colocada em prática. Portanto, buscar estimular *experiências intelectuais*, dentro dessa concepção, também significa favorecer a emancipação (ADORNO, 2006, p. 151). A educação na sociedade atual abafa a criatividade, retira dos indivíduos a possibilidade de experimentar o mundo. Opor-se a esse processo é, de acordo com Adorno, a forma de manter-se vivo, pois “hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência” (Id, ibid, p. 154).

Nas próximas páginas do capítulo “A educação contra a barbárie” Adorno se utiliza de palavras duras para afirmar que “a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade” (2006, p.156), e é principalmente através da educação que conseguiremos a desbarbarização.

Desse modo, a escola passa a participar ativamente desse processo, pois ela favorece na constituição da subjetividade dos alunos, bem como auxilia na potencialização de características individuais. Ela é um espaço privilegiado para exercício dessa resistência, de opor-se; na verdade, seu terreno é propício para o diálogo e reflexão, impulsionando a ação. Acreditamos que emancipar-se é sinônimo de ação, um ser humano multilateral, autônomo e consciente que não se satisfaz com o conformismo.

Sob esse aspecto, Adorno no capítulo “Educação e emancipação” se remete a idéia de autonomia defendida por Kant, a partir da discussão sobre o conceito de esclarecimento (*Aufklärung*), como semelhante à sua percepção sobre a emancipação; e mais ainda, pontua que a explicação kantiana sobre “o que é esclarecimento”, é muito atual (p. 169). Várias são as peculiaridades que envolvem as discussões sobre esse assunto, mas um dos fatos que mais chama a atenção de Adorno, é que,

o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo

na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor – o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido (Id, ibid, p. 172).

O autor se assustara com essa constatação em meados do século XX, e hoje, quarenta anos depois, esse aspecto ainda permanece, uma fuga à teoria, ou seja, mergulha-se o fazer pedagógico em práticas que favorecem a alienação, e nada possuem de referencial teórico emancipador. Acreditamos que pior do que não lutar para que ocorra a emancipação, é não admitir que ela possa acontecer.

A proposta de persistir nesse ideal de emancipação apresenta-se como sendo difícil, pois a mesma demanda um esforço árduo de debruçar-se sobre, é um processo contínuo, mas possível de ser realizado mesmo em meio às contradições. Adorno em seus textos sempre menciona essa dificuldade, delinea os obstáculos que podemos encontrar, mas em momento algum afirma que a emancipação não é possível.

Além disso, Adorno (2006, p. 181) parafraseando Kant, alega que o filósofo, ao responder a pergunta “se vivemos em uma época esclarecida”, afirma que *vivemos em uma época de esclarecimento*, delimitando assim a dinamicidade em que a autonomia/emancipação está inserida, é um processo de *vir a ser*. Porém,

se atualmente ainda podemos afirmar que vivemos em uma época de esclarecimento, isto tornou-se muito questionável em face a pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda realidade interior pela indústria cultural [...]. O motivo evidentemente é a contradição social (Id, ibid, p. 181).

O autor reconhece que o caminho é árduo, e mais adiante salienta que ele pode se concretizar principalmente pelo viés da escola.

Tenho a impressão de que, por mais que isto seja almejavél, tudo ainda se dá excessivamente no âmbito institucional, sobretudo da escola. Mesmo correndo o risco de ser taxado de filósofo, o que afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja **uma educação para a contradição e resistência** (Id, ibid, p. 182-183, grifo meu).

Ou seja, atingir a emancipação implica no exercício da reflexão, de modo que ela se torne algo inerente a nós.

Um dos grandes problemas que a semiformação trouxe é ter uma visão parcial sobre o mundo, estar à margem e se achar conhecedor do todo, quando na realidade ainda nos encontramos na caverna, vendo somente projeções de sombras. Desmistificar as facetas ideológicas que são postas é um modo de contradizer e opor-se a esse mundo falacioso. Adorno salienta que “advogaria bastante uma educação do ‘tornar infecto’” (Id, *ibid*, p. 184), capaz de preencher as lacunas intelectuais e contagiar a consciência para que esta se emancipe.

Entretanto, a sociedade administrada em conjunto com seus colaboradores tende a reprimir qualquer desejo de mudança, de modo que qualquer forma de transformação se configura como um sonho nostálgico. Contudo,

a utopia é inerente à situação humana. O real é o que pode ser modificável. Perder essa dimensão é estar sufocado pela tirania do estado das coisas presentes. O homem só é homem quando exercita sua capacidade de dizer “não”! ao que existe e, assim, construir o que projeta (OLIVEIRA apud BARBOSA, 2003, p. 304)

Dentro desse terreno extremamente complexo, ter firmeza e clareza sobre nossa posição enquanto educadores abre os caminhos. Nesse sentido, nossa atuação precisa estar pautada em reflexões contínuas, reelaborando constantemente nosso fazer, de modo que a baliza entre nossa prática e os alunos seja o crivo da reflexão crítica. Talvez tenha sido este o grande diferencial que Adorno defendeu: ampliar o olhar.

Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos [leitores] o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz (ADORNO, 2006, p. 185).

Emancipar implica em ação, não basta o desejo de mudar, é necessário agir para atingir tal objetivo. Se percebermos o problema e não agirmos contra ele, estamos sendo coniventes às barbáries e atrocidades que podem ser geradas. Lutar por uma educação que transponha a irracionalidade e atinja a

criticidade não é ser utópico, mas é ter a verdadeira postura do que é ser um PROFESSOR!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual conjuntura social que vivemos é fruto de um longo processo estrutural. Na verdade, todas as instâncias sociais hoje estão marcadas por transformações que aconteceram e acontecem constantemente em toda a sociedade. Todavia, essas modificações não acontecem de forma harmônica, mas vem carregada de antagonismos e inúmeros conflitos, e são justamente esses movimentos que vão constituindo o mundo.

Nada permanece imóvel no mundo, sem sofrer nenhuma modificação, o mundo não é estático, mas, é marcado por movimentos, por avanços e retrocessos. Da mesma forma a ação humana também se circunscreve nesse processo de práxis, ou seja, supondo a relação do ir e vir. Buscando acompanhar esse processo a educação precisa ir se adequando de acordo com as novas necessidades que vão sendo postas em jogo.

No presente trabalho, observou-se, percorrendo as concepções de educação desde a antiguidade clássica até a contemporaneidade, que um modelo ideal de educação sempre norteou as discussões no meio educacional. Educar o homem de modo que este venha a ser um exemplo para os outros e um representante ativo da e na sociedade são as bases para essa educação ideal, haja vista que desde os primórdios a relevância social que a educação tem já era respeitada e explorada.

A educação é vista como um fator importante de mudança. Através dela há a possibilidade de potencializarmos o desejo de mudança; mediar a saída da cristalização das ideologias; propiciar questionamentos de modo a revolucionar o pensamento e o modo de agir no mundo. Entretanto, para conseguir atingir esses fins, precisamos entender a dinamicidade dos processos maiores que nos circundam, analisando-os de maneira dialética, tentando atingir a raiz do objeto, se cercando pelo contexto histórico em que o mesmo está inserido e em última instância visar realizar a revolução/transformação, ou seja, é um processo de práxis dialética, em que o homem por ser um ser pensante sempre possuirá meios de agir no mundo e transformá-lo.

Partindo desses aspectos, a educação ideal é aquela que vê o indivíduo e o mundo em sua totalidade, que analisa os mesmos sem deixar de ponderar os antagonismos que os envolvem. É aquela educação que ajuda o aluno a problematizar e questionar o mundo, levando este, a alcançar uma autonomia intelectual, ou seja, a educação ideal seria aquela que emancipa.

A Teoria Crítica da Educação, bem como o filósofo Theodor Adorno nos trazem alguns elementos de como persistir nessa emancipação, mas a verdade é que se nós educadores temos a intenção de promovê-la, precisamos estar dispostos a avançar para “águas mais profundas”, e atingir todo o meio social. Cabe frisar que, isso não significa que apenas precisamos ter “boa vontade” e discursar “vamos fazer a diferença”, muito pelo contrário, é necessário antes de tudo ter uma postura firme, e ter clareza dos obstáculos que podemos encontrar.

Os pressupostos sugeridos por Adorno possuem suas limitações, mas isso não deve ser usado como pretexto para não transformar as circunstâncias. Por isso, a necessidade de uma educação em permanente reflexão crítica sobre a realidade; a negação de conceitos pré-estabelecidos; a intensa inquietação de se ter uma interrogação e o reconhecimento de que sempre existe o outro. Conseguindo como educadores nos manter nesse status de “ir além” do que nos é mostrado de um mundo ilusório, poderemos alcançar uma transformação não só no âmbito profissional, mas também pessoal e social.

Arriscamos mencionar que a educação, e a escola sua principal representante, é uma das únicas instâncias especializadas para realizar a emancipação. Da mesma forma que o movimento dos contrários move o mundo, esses movimentos transformam a escola, e fazem dela impulsionadora de mudanças.

Poderíamos elencar vários princípios que o profissional tem de carregar consigo para que atue de modo a visar à emancipação, tanto pessoal, como dos alunos, entretanto, acreditamos, que a permeabilidade à mudança e a competência teórica e técnica são as condições mínimas e básicas na relação pedagógica. Inferimos que muito mais do que tentar ensinar para a emancipação, precisamos saber qual seu real sentido, não conseguiremos modificar paradigmas só com uma bela oratória. A emancipação tem que se tornar algo inerente a nós, e conseqüentemente, precisamos direcionar nossos esforços em favor dela e para ela. Educar para emancipar, significa esclarecer, e ao mesmo tempo, combater a barbárie; uma educação ativa e não passiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, tradução coordenada e verificada por Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio, et al. 2ªed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. (Tradução Guido Antonio de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Teoria da semicultura**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In: **Educação e Sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação. Campinas, nº. 56, ano XVII, dez. 1996, p. 388-411.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Dicionário do Pensamento Social do Século XX. Editado por William Outhwaite, Tom Bottomore; com a consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alain Touraine; editoria da versão brasileira, Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos; tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 3ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 9ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005.

MONROE, Paul. **História da Educação**. Tradução de Idel Becker e Therezinha G. Garcia. 7ªed. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1968.

OLIVEIRA, Newton Ramos de. **Educação e emancipação**. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.) **Formação de educadores** Desafios e perspectivas. São Paulo, Unesp, 2003.

PUCCI, Bruno (org). **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: UFScar, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 9ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.